

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1901

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente do Conselho*MANOEL FRANCISCO BRITO — *Director Presidente*ROSENAL CALMON ALVES — *Director*WILSON FIGUEIREDO — *Director de Redação*DACIO MALTA — *Editor*MERVAL PEREIRA — *Editor Executivo*ORIVALDO PERIN — *Secretário de Redação*

4 JUN 1993

JORNAL DO BRASIL
Confiança e Paciência

Crescem os sinais de que o presidente Itamar Franco se impacienta com a insistente expectativa por ele desautorizada desde o primeiro dia de governo. Já repetiu, tantas vezes quantas foram necessárias, que não haverá congelamento de preços nem medidas que vinham em pacotes já vazios de qualquer surpresa. Eram, por sinal, sempre as mesmas. Nada indica a utilidade ou a conveniência de voltar ao círculo vicioso dos choques e congelamentos, assim que os preços voltam ao que eram antes. Esta fase está sepultada pelo insucesso. A partir de hoje já não haverá mais dúvidas.

“Eu já disse que não tem choque nem pacote, mas não adianta. Vocês não acreditam”, disse o presidente aos jornalistas, com impaciência temperada de bom humor. Era tempo de que se estabelecesse na opinião pública a convicção de que medidas de calibre heterodoxo nada têm a oferecer à economia brasileira. Não figuram nas cogitações presidenciais por não serem éticas. O governo tem muita disposição, mas conta com a paciência dos cidadãos.

Os três anteriores ministros da Fazenda deste governo tiveram em comum o exercício diário de opor enfáticos desmentidos às versões de pacotes econômicos com nostalgia de congelamento, apesar da falta de resultado prático e do agravamento da situação. Ficou nos hábitos financeiros do país a marca da dependência do tratamento inocuo. O presidente apostou, porém, no tratamento normal da inflação.

O ministro Fernando Henrique amplia os contatos com o Congresso, os partidos e os empresários reiterando a mesma garantia de que não haverá contrafação de congelamento de preços ou choques heterodoxos, que tanto exasperaram o paciente e a paciência da sociedade. O resultado ainda é pequeno para a necessidade de confiança que falta para o Brasil acertar o passo com as suas possibilidades, mas é a terapêutica compatível com a democracia.

A credibilidade é a soma da confiança de cada um, no país e, por extensão, no governo. Itamar Franco é presidente por via constitucional e pela vontade dos cidadãos. Portanto, a sociedade que o cercou de simpatia na substituição presidencial não esgotou a sua responsabilidade no ato da posse. Assumiu com a História o compromisso de sustentá-lo em proveito do regime democrático, que passou por prova política inédita na prática universal.

Há um aspecto que está acima de qualquer dúvida no que respeita a este governo: é a fidelidade do presidente Itamar Franco à moralidade pública. Sob inspiração ética, o governo já conseguiu resgatar a confiança dos cidadãos na possibilidade de administrar sem lesar e sem ser conivente com práticas políticas desabonadoras. O Congresso não foi alcançado por qualquer suspeita resultante das suas relações com o governo. A credibilidade moral é o fio com que o ministro Fernando Henrique vem alinhavando a negociação para o corte de despesas no Orçamento.

O Congresso e os partidos estão sendo despertados da sesta fisiológica para marcar presença no momento mais grave de um processo que tem como limite a sucessão presidencial acoplada à eleição de governadores, senadores, deputados estaduais e federais em 94. Os empresários estão a caminho de uma rendição ao bom senso que repele qualquer experiência mediante redução de medidas mágicas. Fica faltando apenas a sociedade acreditar que a solução pede prazo e se dispor a esperar pelos resultados.

O momento é grave exatamente porque reúne toda a sociedade à sombra de consequências de alto custo social, como demonstram outras nações varridas pela inflação. Não é mais apenas uma parcela que se sente em perigo. O governo deve conciliar todas as suas divergências secundárias e apresentar-se com a unidade que o credenciará à confiança e à paciência dos cidadãos.